

A TRADIÇÃO CONSTRUTIVA DO CAPARAÓ CAPIXABA

Aline Vargas da Silveira
vs_aline@hotmail.com
PPGA – UFES

Resumo: O presente artigo fala sobre as técnicas construtivas tradicionais utilizadas na Região do Caparaó Capixaba. Para isso, se utiliza de um levantamento realizado com edificações de pequenas propriedades rurais encontradas nos Municípios de Ibatiba e Irupi, sudoeste do Espírito Santo. Estas, construídas entre o final do século XIX e meados do século XX, são exemplos típicos das construções feitas neste período na região, e são os documentos principais do estudo. Enfatiza a importância das técnicas construtivas para a arquitetura rural capixaba assim como o valor desses exemplares como bem cultural. Enfoca a peculiar maneira com que estes construtores se apossavam de uma cultura construtiva 'erudita' adaptando-a as necessidades e as técnicas construtivas possíveis da região, as quais, por sua vez, teciam entre os distintos exemplares um fio condutor de coerência e identidade.

Palavras-chave: Arquitetura Rural, Técnicas Construtivas, Bem Cultural.

Introdução

As pesquisas sobre a arquitetura rural capixaba ainda são relativamente raras e até o momento centraram o foco sobre as residências da imigração italiana. Os livros de Maria Isabel Perini Muniz (1989 e 1997) e Júlio Posenato (1997) são alguns exemplos. É um campo vasto, porém pouco explorado, sendo assim, o artigo, com foco nas técnicas construtivas, discorre sobre esse tema ainda carente de estudos.

Para isso, foram escolhidas como objeto principal do estudo, as edificações encontradas em pequenas propriedades rurais de dois municípios situados na Região do Caparaó Capixaba, Ibatiba e Irupi. Desta forma, toma-se como documentos principais da pesquisa, as casas sede, paióis e tulhas construídas entre o final do século XIX e meados do século XX nesses minifúndios.

A região em questão, teve ocupação 'tardia', pode-se dizer que sua ocupação começou em meados do século XIX, principalmente por pessoas vindas do estado de Minas Gerais, de maneira que as referências portuguesas se fazem mais presentes, ao contrário das outras regiões do estado que tiveram maior influência dos imigrantes italianos e alemães. Testemunhas da história e cultura local, as edificações representam uma parte da arquitetura rural do Espírito Santo, em que a composição das construções, livre de ornamentações, se baseia nas proporções, nos cheios e vazios, nas técnicas construtivas e na sua integração com a paisagem. A preservação desta arquitetura é também a preservação da memória e das tradições culturais do lugar, entre elas as tradições construtivas populares.

A Arquitetura

Como a agricultura, mais especificamente o café, foi o principal fator de desenvolvimento da região, a arquitetura rural encontrada nestes municípios merece destaque. Em algumas cidades, encontram-se sedes de fazendas mais elaboradas, com certo requinte e influência das residências do Vale do Paraíba, como a Fazenda Memória, no município de São José do Calçado. Em

outras, predominam as casas menores de caráter vernáculo acentuado, como é o caso dos municípios escolhidos para a realização deste estudo.



Figura 01 – Fazenda Memória, São José do Calçado.

Fonte: BROINHA, 2010

As construções vernaculares, cada vez mais vêm despertando o interesse dos pesquisadores, por revelarem uma expressão dos anseios, dos gostos e da perícia artesanal da população que se envolve diretamente com esta arquitetura. Para melhor conceituar e caracterizar o Patrimônio Vernacular, foi escrito pelo ICOMOS (Conselho Internacional dos Monumentos e dos Sítios) a Carta Sobre o Patrimônio Construído Vernáculo (1999).

De acordo com a Carta (1999) o patrimônio construído vernáculo ocupa lugar central no afeto e orgulho dos povos. É reconhecido como uma característica da sociedade onde se insere, surge informal, porém ordeiramente, com uma lógica própria. Ao mesmo tempo em que é útil, é interessante e belo; é um foco da vida contemporânea e registro da história; é a expressão fundamental da cultura de uma comunidade e de seu relacionamento com o território.

“É nas suas aldeias, no aspecto viril das suas construções rurais a um tempo rude e acolhedoras, que as qualidades da raça se mostram melhor. Sem o ar afetado e por vezes pedante de quando se apura, aí, a vontade ela se desenvolve naturalmente, adivinhando-se, na justeza das proporções e na ausência de “make-up”, uma saúde plástica perfeita, se é que podemos dizer assim”. (Lúcio Costa, 1975:91)

As casas estudadas se assemelham muito aos exemplares da arquitetura rural mineira guardando as devidas proporções em especial daquelas residências dos grandes senhores, a maioria é assobradada, e o alpendre com guarda-corpo de madeira trabalhada ou de seção retangular se faz presente em praticamente todos os exemplares. Algumas estão situadas à meia encosta, com dois pavimentos em uma das fachadas; mas também podem ser encontrados exemplares com uma elevação do chão, possuindo apenas um pavimento.



Figura 02 – Casarão do Sr. Maninho Barba, Ibatiba, 2009.



Figura 03 – Casarão em Irupi, 2011.

Em planta tem o corpo principal retangular, sendo que em alguns casos apresentam saliências, sendo possível encontrar variantes com a planta em forma de 'L'. A divisão interna das residências é bem parecida, em geral são compostas por cozinhas de grandes dimensões, circulação feita através de salas, para onde se abrem os quartos. A presença do chamado 'quarto das moças', um quarto com acesso feito por dentro do quarto do casal, se faz notar em praticamente todas as casas pesquisadas.

Legenda:

- 1 – Alpendre
- 2 – Varanda
- 3 – Sala
- 4 – Quarto
- 5 – Quarto das moças
- 6 – Despensa
- 7 – Cozinha
- 8 – Corredor
- 9 – Depósito

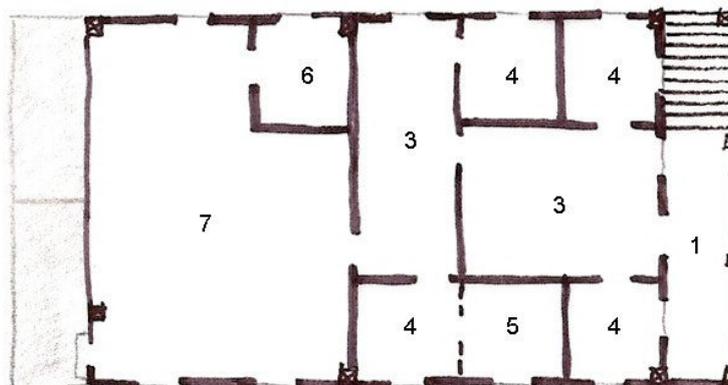


Figura 04 - Casarão do Sr. Abraão Florindo, planta, Ibatiba.

Fonte: SILVEIRA, 2009.

Técnicas Construtivas

As técnicas construtivas empregadas nas construções pesquisadas foram a estrutura de madeira formada por esteios e baldrames, com alvenarias de vedação de pau-a-pique e/ou de tijolos cerâmicos. Como as casas foram construídas entre o final do século XIX e meados do XX, a técnica das alvenarias de tijolos já havia sido bem difundida, de maneira que grande maioria das residências pesquisadas foi feita com tijolos cerâmicos do tipo burro (maciço).

O pau-a-pique, também conhecido como taipa, taipa de sopapo, taipa de sebe, barro armado ou taipa de mão, é um tipo de vedação constituída basicamente de uma trama de madeira preenchida com barro. Esta trama é formada por paus – na maioria das vezes roliços - colocados perpendicularmente entre os baldrames e frechais. Neles, são presos outros, mais finos, as ripas ou varas, tanto de um lado quanto do outro, que são amarrados ou presos por pregos.

Estas ripas podem ser colocadas duas a duas, de um lado e de outro, ou alternadamente. O espaçamento dos paus-a-pique varia em torno de um palmo, sendo o das ripas um pouco menor. Depois de pronta a trama, o barro é jogado e apertado sobre ela com as mãos (VASCONCELLOS, 1979).



Figura 05 – Paiol, Casarão do Sr. Cláudio Moreno, Ibatiba, 2009. Figura 06 – Paiol, Irupi, 2011.

Fonte: SILVEIRA, 2009.

Normalmente, o barro era feito com terra retirada de local próximo ao da construção, este fato se deve à dificuldade de transporte e do grande volume de material necessário para preencher os vãos. A terra era escolhida pelo próprio construtor de forma empírica, selecionando-a visualmente e com o tato. Normalmente, as argilas vermelhas eram as preferidas, seguidas dos solos roxos e pardos, por apresentarem uma 'liga' maior (PISANI; CANTEIRO, 2006). A terra deveria ser removida a certa profundidade, por apresentar certo teor de umidade e para evitar impurezas como gravetos, materiais orgânicos ou pedregulhos, que afetassem a sua resistência final. O preparo da massa se dava através do peneiramento do solo e pulverização de água, seguido de um amassamento, comumente realizado com os pés. Também poderiam ser acrescentados outros componentes, como por exemplo, a cal, a fibra vegetal e o estrume de animais.

O processo só termina após a obtenção de uma massa homogênea. Depois de pronto, o barro era apertado com as mãos sobre a trama simultaneamente por dois trabalhadores colocados de lados opostos da armadura, o processo era feito sem auxílio de ferramentas, daí surgiram os nomes de taipa de mão ou de sopapo.

Em algumas regiões do Espírito Santo, essa técnica é chamada de estuque, "vedação similar à taipa de sebe, dela se distingue pela sua menor espessura,

podendo a trama compor-se apenas de varas dispensando os paus-a-piques” (VASCONCELLOS, 1979).

Na região em que foi feito o levantamento, alguns moradores chegaram a denominar a técnica de entulho, porém não foi encontrada na literatura uma definição mais clara sobre essa nomenclatura.

Com relação às alvenarias de tijolos, segundo Ribeiro (2003) a produção artesanal de tijolos envolvia uma série de cuidados necessários a fim de se obter uma qualidade final do produto. Um deles era a escolha da matéria-prima, que deveria ser untuosa, sem seixos ou pedriscos. Caso fosse muito untuoso, existia a possibilidade de corrigi-lo com a adição de areia; se muito terroso poderia ser feito a argila, mas a preferência sempre era dada às misturas encontradas prontas na natureza.

Para obter uma melhor qualidade, o material deveria ser bem batido e amassado, e antes de serem colocados nas formas, estas, deveriam ser molhadas e salpicadas com areia; sendo comprimida com rolo de madeira logo em seguida. A secagem à sombra e a ventilação adequada das peças era fundamental para evitar as fissuras, assim como o tempo de cozimento também exercia influência. Os tijolos coloniais eram artesanais e, portanto, não tinham uma forma padrão, o formato mais comum era o de lajota, sempre em peças maciças (RIBEIRO, 2003).

Nas alvenarias de tijolos uma das principais preocupações é a de “matar a junta” através da disposição das fiadas. Deve haver o máximo de cuidado em conservar as juntas horizontais e os paramentos verticais (SEGURADO, 18--).

Na região em que o estudo foi realizado, as casas foram construídas entre o final do século XIX e meados do XX. Portanto, a técnica das alvenarias de tijolos já havia sido bem difundida, de maneira que a grande maioria das residências pesquisadas foi feita com tijolos cerâmicos.



Figura 07: Casarão da Fazenda do Vivim, Ibatiba, 2009.



Figura 08: Fazenda Santa Bárbara, detalhe da parede em tijolos, Ibatiba, 2009.

Segundo alguns moradores, os tijolos utilizados na construção das casas eram feitos de forma artesanal, no próprio local da construção. Enquanto a estrutura era erguida, preparava-se a massa, moldavam-se os tijolos e posteriormente iniciava-se o processo de queima, em fornalhas temporárias, ao ar livre, montadas especificamente para a queima dos tijolos a serem utilizadas na construção da casa.

As paredes de pau-a-pique e as alvenarias de tijolos são sistemas utilizados para vedação. O sistema estrutural era constituído por peças de madeira, material que tem uma boa capacidade de absorver esforços tanto de compressão quanto de tração. Nas casas sede das propriedades, as estruturas em madeira, formada por esteios e baldrames, também foram aproveitadas esteticamente, obtendo-se então, fachadas enquadradas, divididas em painéis, onde foram inseridos os vãos.



Figura 09: Casarão do Sr. Abraão Florindo,



Figura 10: Casarão em Irupi, 2011.

Ibatiba, 2009.

As estruturas de madeira consistem na armação de quadros compostos por esteios, que são pilares inteiriços que vão desde o solo até os frechais, os esteios também podem estar apoiados em uma base de alvenaria. Quando estão diretamente no solo, a sua base costuma ser de seção cilíndrica *'in natura'* “[...] às vezes levemente queimados, para, com o carvão superficial, impermeabilizarem o cerne contra a umidade do solo” (VASCONCELLOS, 1979).

Nos esteios são apoiados os baldrames – ao nível do piso – que suportam as paredes e os barrotes do assoalho; e os frechais na parte superior, para receber o forro ou a estrutura do telhado. Os baldrames são ligados aos esteios através de encaixes macho-fêmea ou de cauda de andorinha, já os frechais são simplesmente apoiados, podendo também ser empregado o encaixe macho-fêmea. Os pregos eram utilizados apenas para fixar os pisos, forros, e dobradiças.

Em algumas situações eram construídos, sob os baldrames, embasamentos de alvenaria para fechamento dos vãos, uma maneira de reforçar os mais sobrecarregados. Porém, para esta finalidade, também poderiam ser utilizados os ‘burros’, que são pequenas peças de madeira colocadas entre os baldrames e o solo (VASCONCELLOS, 1979).

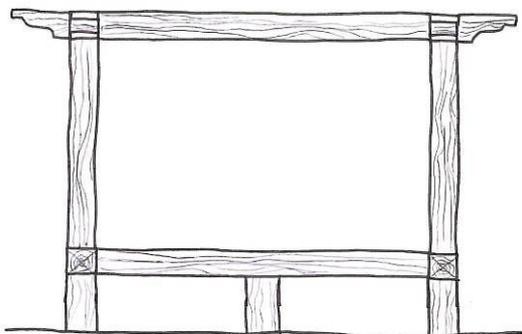


Figura 12: Detalhe da colocação do ‘burro’.
Fonte: SILVEIRA, 2009.



Figura 13: Embasamento de alvenaria e ‘burro’.
Casarão do Sr. Deolindo.
Fonte: SILVEIRA, 2009.

O autor também fala que este tipo de estrutura foi largamente empregado em todo o Brasil, não só nas casas mais modestas, mais em edifícios importantes, este fato se deve à maior facilidade de execução e viabilidade econômica, quando se dispõe das madeiras necessárias no local da construção. As madeiras empregadas na construção das casas variavam de acordo com a região, sendo dada preferência para as madeiras de lei. Cuidados especiais eram levados em conta, como a derrubada das árvores em tempo seco e em fases certas da lua.

Durante a pesquisa de campo, constatou-se, que as madeiras mais utilizadas nas construções foram a braúna (*Melanoxylon brauna*) para a estrutura e o cedro (*Cedrela fiáilis Vell.*) para os pisos e esquadrias.

A estrutura das coberturas sempre é de madeira, armada em tesouras de forma simples. Algumas das casas receberam peças em substituição, outras já foram totalmente substituídas. As coberturas são de telhas de barro, do tipo capa e canal - a que os moradores mais antigos chamam de 'telha combuca' – e do tipo francesas. Em alguns casos, as telhas também foram substituídas por outras do mesmo tipo, em outros foram substituídas por tipos diferente do original, até mesmo por telhas fibrocimento, descaracterizando claramente a residência.



Figura 14: Estrutura do telhado em madeira falquejada, Casarão do Sr. Braulino Bidu, Ibatiba.



Figura 15: Estrutura do telhado em madeira serrada, Irupi, 2011.

Fonte: SILVEIRA, 2009.

Os beirais apresentam pequenas dimensões, até mesmo nas construções de pau-a-pique, variam de 30 a 40 cm e geralmente a estrutura de madeira fica aparente. Mas também encontramos alguns com o forro escondendo assim a estrutura do telhado.



Figura 16: Beiral, Casarão do Sr. Braulino Bidu, Ibatiba.

Fonte: SILVEIRA, 2009.



Figura 16: Beiral, Casarão do Sr. Valce, Irupi, 2011.

Os barrotes estruturais do piso se apóiam nos baldrames, em um sistema de encaixe, e as tábuas são fixadas neles através de pregos. Os espaçamentos entre os barrotes encontrado nas construções variam entre 60 e 80 cm. O piso das residências é formado por um tabuado corrido, apoiado sobre uma seqüência de barrotes de madeira, colocado em sentido contrário ao das tábuas. As tábuas do piso são simplesmente encostadas umas nas outras, sem encaixes, em um sistema de juntas secas. Em média, a largura das tábuas variam entre 20 e 30 cm.



Figura 17: Barotes de uma das casas de Irupi, 2011.

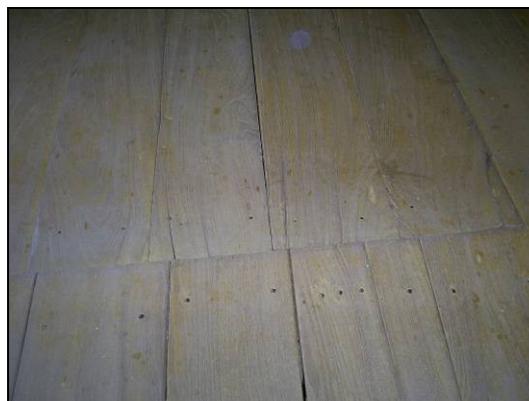


Figura 18: Tábuas do piso, Casarão do Sr. Cláudio Moreno, Ibatiba.

Fonte: SILVEIRA, 2009.

Considerações Finais

De acordo com Marins (2010), a arquitetura rural está enquadrada dentro das tipologias que ficaram alheias às políticas federais de preservação. Poucos tombamentos foram realizados pelo IPHAN, refletindo nos órgãos estaduais criados a partir da década de 1960 e, nos municipais iniciados nas décadas de 1970 e 1980.

Segundo o autor, um dos principais motivos que levou a esse fato foi o pouco conhecimento sobre tais edificações e as perdas do patrimônio edificado em áreas rurais, dificultando a compreensão dos processos históricos em que estiveram ligadas. Portanto, se compreendidas antes como documentos históricos, que como monumentos, as edificações rurais constituem imenso desafio às políticas de preservação do patrimônio cultural.

Como já foi dito anteriormente, a arquitetura rural capixaba é pouco estudada, e através da realização desta pesquisa, foi possível perceber que estas edificações carregam lições apreendidas de geração em geração desde o período colonial, principalmente com relação ao uso dos materiais encontrados no local, como a madeira e a terra.

É necessário voltar os olhos para estes documentos históricos, pois a sua preservação e valorização pode ser uma forma de qualificar o desenvolvimento da região, gerando um processo de sustentabilidade através da cultura e

identidade específica conferida ao lugar. De maneira que o freqüente processo de demolição dessas construções para uso de madeira de demolição não seja mais tão expressivo.

Referências Bibliográficas

BROINHA. Disponível em:

< http://www.broinha.com.br/Imagens/fotos/cenas_cidade>. Acesso em: 28 out. 2010.

Carta del Patrimônio Construído Vernáculo. Ratificada por la 12^a Asamblea General em México, em outubro de 1999. Disponível em: <http://www.international.icomos.org/charters/vernacular_sp.htm>. Acesso em: 05 out. 2008.

COSTA, Lúcio. Documentação Necessária. In: **Arquitetura civil II.** São Paulo, FAUUSP & MEC – IPHAN, 1975.

MARINS, Paulo Cezar Garcês. **Trajetórias de preservação do patrimônio rural paulista: entre a ação governamental e práticas sociais.** Palestra ministrada no Segundo Seminário de Patrimônio Agroindustrial: Lugares de memória. EESC-USP, São Carlos, 2010. Disponível em: <http://www.arquitetura.eesc.usp.br/sspa/arquivos/palestras/Paulo_Cesar_Garc ez_Marins.pdf>. Acesso em: 10 out. 2010

MUNIZ, Maria Izabel Perini. **Arquitetura Rural do século XIX no Espírito Santo.** Vitória. Aracruz Celulose, Fundação Jônice Tristão, Rede Gazeta, Xerox do Brasil, 1989.

_____ **Cultura e arquitetura** : a casa rural do imigrante italiano no Espírito Santo. Vitória : EDUFES, 1997.

PISANI, Maria Augusta Justi; CANTEIRO, Fábio. **Taipa de mão: História e Contemporaneidade.** Disponível em: <http://www.aedificandi.com.br/aedificandi/N%C3%BAmero%202/2_taipa.pdf> Acesso em: 10 dez. 2008.

POSENATO, Julio. **Arquitetura da imigração italiana no Espírito Santo.** Porto Alegre: Posenato Arte & Cultura, 1997.

RIBEIRO, Nelson Porto. Técnicas construtivas tradicionais das alvenarias no Brasil. Braga, Márcia (organizadora). Conservação e Restauro na arquitetura brasileira. Rio de Janeiro: Ed. Rio, 2003.

SILVEIRA, Aline Vargas. **Os Casarões de Ibatiba: um encontro com a arquitetura rural capixaba.** Projeto de graduação, Arquitetura e Urbanismo, UFES, 2009.

VASCONCELLOS, Sylvio de. **Arquitetura no Brasil: Sistemas Construtivos.** 5 ed. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1979.

Currículo Resumido:

Arquiteta e Urbanista graduada pela Universidade Federal do Espírito Santo (2009). Atualmente, mestranda no Programa de Pós-Graduação em Artes da UFES com a linha de pesquisa em patrimônio e Cultura, e bolsista CAPES.